IV Congresso Internacional das **Licenciaturas** COINTER - PDVL 2017

A INFLUÊNCIA DOS ASTROS NA CULTURA POPULAR DOS MUNICÍPIOS PERNAMBUCANOS DE CEDRO E SERRITA

Apresentação: Pôster

Antonio Aldeivo Miranda Bem¹; Cícero Jailton de Moraes Souza²

Introdução

A cultura popular sertaneja é cheia de mitos e crendices – muitas vezes uma mistura entre astronomia, astrologia, religião (muito influente nessa região) e folclore local. Dessa forma, além de influenciar a agricultura, os astros passaram a influenciar também o cotidiano do povo sertanejo, que passou a, dentre outras coisas, utilizar as fases da Lua para escolher a melhor época para realizar determinada atividade, como a melhor época para cortar os cabelos ou que remédios caseiros utilizar de acordo com a fase da Lua, por exemplo (NOGUEIRA, 2005).

Na região Nordeste, principalmente em cidades pequenas do interior, é muito marcante a influência de almanaques astrológicos relacionados a religião no cotidiano das pessoas. Estes almanaques se popularizaram no século XV principalmente na península Ibérica, sendo que os primeiros chegaram ao Brasil através dos colonizadores portugueses e com o passar do tempo se difundiram pelo Nordeste e em outras regiões rurais brasileiras. Dentre estes almanaques podemos destacar o “Lunário Perpétuo”, escrito pelo astrólogo espanhol Gerónimo Cortés (1555-1615) e publicado pela primeira vez na Espanha em 1594. Este texto trazia indicações de como os astros tal como o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas influenciavam o destino de homens e mulheres.

Considerando a grande importância que os astros têm na vida cultural e socioeconômica, é importante definir até onde vai essa relação e até que ponto as pessoas acreditam que eventos de seu cotidiano tem influência das fases da Lua, por exemplo. Por isso, esta pesquisa terá como principal meta determinar como ainda hoje, numa sociedade que se torna cada vez mais tecnológica e com cada vez mais acesso à informação, o movimento dos corpos celestes influencia a vida diária das pessoas. Seja esta influência na agricultura e pecuária, ou na medicina caseira ou ainda em outras atividades

¹ Licenciatura em Física, IF Sertão – *campus* Salgueiro, antonioaldeivo2@gmail.com

² Licenciatura em Física, IF Sertão – *campus* Salgueiro, cicero.jailton@ifsertão-pe.edu.br

do dia-a-dia. Além disso, iremos relacionar o conhecimento do senso comum com os conhecimentos aceitos pela comunidade científica e determinar quais destes conhecimentos da cultura popular têm, realmente, um embasamento científico.

Para isso, serão realizadas entrevistas com moradores de dois municípios do sertão de Pernambuco, com o objetivo de descobrir qual a relação que eles atribuem entre as atividades normais do dia-a-dia e os astros. Também será realizada uma extensa pesquisa bibliográfica para determinar como os almanaques astrológicos influenciaram a sociedade sertaneja ao longo de sua história.

Fundamentação Teórica

Durante toda a existência da humanidade todos os povos e culturas sempre tiveram algo em comum: a observação dos astros. Desde os primeiros povos nômades, passando pela descoberta da agricultura e origem das primeiras civilizações, da Idade Média até os dias atuais, observar, mapear e entender os movimentos dos astros foi imprescindível para a sobrevivência de todas as culturas que já existiram.

É difícil afirmar com certeza a partir de quando os seres humanos começaram a dar importância a passagem dos meses e anos, porém “existem indicações de que até mesmo o homem pré-histórico costumava contá-los, mas foram os habitantes da região do Tigres e do Eufrates os primeiros a sistematizar o assunto” (ASIMOV, p. 74, 2008). Os sumérios, um povo que viveu na Babilônia, maior cidade-estado da Mesopotâmia, provavelmente foram os primeiros a desenvolver um calendário baseado nas fases da Lua (TERESI, 2008). É quase certo de que, por volta de 2800 a. C., tanto os babilônios quanto os egípcios já possuíam calendários precisos o suficiente para prever as estações do ano, os babilônios desenvolveram um calendário lunar enquanto os egípcios tinham um avançado calendário solar (ASIMOV, 2008). Vale salientar que não apenas o Sol e a Lua tinham influência na marcação do tempo, o movimento dos planetas e a posição de determinadas estrelas também eram utilizados como referência (TERESI, 2008).

A religião também sofreu influências da astronomia. Em especial, a religião católica (muito influente no Nordeste), tem muitos de seus símbolos e datas comemorativas baseadas não somente em fatos históricos ou míticos, como também baseadas em festas pagãs relacionadas ao ciclo das estações. Festas católicas como Páscoa e Natal “constituem reminiscências astronômicas de grande importância histórica e econômica para a época em que foram instituídas. Muitas dessas tradições de origem pagã foram absorvidas pelas religiões atuais do mundo ocidental” (MOURÃO, 2000, p. 13). Um exemplo dessas festas é a festa de São João, muito popular no Nordeste, e que ocorre no

dia 24 de junho, próximo ao solstício de inverno no hemisfério sul (data em que temos o dia mais curto e a noite mais longa do ano no hemisfério sul). Ainda segundo Mourão (2000, p. 36-37):

Para afastar os fiéis das festas pagãs que ocorriam nos solstícios e equinócios, a Igreja cristianizou-as, transportando-as para a Páscoa, São João (24 de junho), São Miguel (29 de setembro) e o São Nicolau (25 de dezembro).

Este foi o motivo pelo qual o nascimento de Cristo foi fixado em 25 de dezembro, no século IV, com o objetivo de redirecionar os fiéis das festas pagãs que se comemoravam durante o solstício do inverno. Esta festa, anterior ao aparecimento do cristianismo, era celebrada em homenagem a Mitra, que contava com um grande número de devotos, no Império Romano, em especial depois de Constantino. De fato, Mitra, divindade persa, primitivamente um dos gêmeos do masdeísmo, religião iraniana organizada por Zoroastro, estava associado ao Sol.

A cultura sertaneja sofreu muita influência da religião cristã e também dos astros. Em particular, os chamados almanaques de cordel, livros que traziam um misto de religião, astronomia, astrologia e medicina, influenciaram muito a vida de comunidades rurais do Brasil. Segundo Almeida (2012, p. 3), “no século XVI, os assuntos relativos à astrologia [...] foram difundidos popularmente através dos almanaques. Estas publicações [...] receberam várias denominações (calendários, lunário, prognósticos)”. Ainda segundo o autor, estas publicações começaram a ficar mais populares a partir do século XV, na Península Ibérica, e a partir do século XVIII, no Brasil. Dentre os almanaques que mais se popularizaram no Brasil, podemos destacar o livro “Lunario Perpétuo, el cual contiene los llenos y conjunciones perpetuas de la Luna, declarando si seran de tarde o de mañana, con la pronosticacion natural y general de los tiempos”, mais conhecido pelo nome abreviado de “Lunário Perpétuo”, escrito por Gerónimo Cortés em 1954.

Uma das influências mais marcantes do Lunário está na medicina caseira, marcada por inúmeras crenças com origem no passado distante, mas que perduram até hoje, como corrobora Nogueira (2005, p. 5), algumas destas superstições são: “‘A mulher grávida não deve olhar para um eclipse, sob pena de lhe nascer o filho negro ou com defeito físico’; ‘A lua, quando cheia, tem influência sobre a menstruação’; ‘Apontar uma estrela faz nascer verruga’”. Como podemos notar, algumas dessas crenças são inclusive carregadas de fortes preconceitos, um reflexo da época em que surgiram.

Outra grande área de influência deste livro está relacionada à agricultura, uma vez que muitos agricultores utilizaram o Lunário para prever a melhor época para plantar e colher baseada nos corpos celestes. Melo (2011, p. 111), afirma que dentre as informações contidas neste livro, algumas estavam relacionadas às “condições climáticas, as épocas mais propícias ao plantio e à colheita, assim como as variações nos preços dos alimentos. [...] Com orientações sobre como utilizar a

influência dos astros para obter uma colheita abundante”. Muitos desses conhecimentos foram passados de pais para filhos, sendo que também era prática comum da família que possuía o Lunário, guardá-lo para as próximas gerações.

Dessa maneira, a cultura popular e o senso comum vêm sofrendo interferência da astronomia continuamente do decorrer da história humana. Esta pesquisa tentará entender melhor estas relações e apontar em que casos estes conhecimentos populares se orientam na direção de verdades científicas.

Metodologia

Neste trabalho pretendemos utilizar uma abordagem de pesquisa *qualitativa*, a qual alguns autores preferem chamar de pesquisa *interpretativa* (ERICKSON, 1985), para coleta, desenvolvimento e análise dos dados obtidos. O procedimento metodológico utilizado será a *pesquisa de campo com observação participante*. Os instrumentos de coleta de dados utilizados serão entrevistas com moradores das cidades que fazem parte do *locus* da pesquisa, e consulta a bibliografias, documentos ou outros tipos de registros disponíveis nas bibliotecas e prefeituras destas cidades.

O desenvolvimento desta pesquisa se dará nos municípios de Cedro e Serrita, ambos localizados no sertão de Pernambuco e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – *campus* Salgueiro. As entrevistas com moradores das duas localidades, bem como a consulta a registros históricos dos municípios irão ocorrer durante o segundo semestre de 2017. Os moradores entrevistados serão aqueles que apresentam um grande conhecimento da cultura popular local, sendo em grande parte agricultores que basearam todo o trabalho de suas vidas em tais conhecimentos.

Resultados esperados

Como discutido ao longo da revisão de literatura, os astros têm uma grande importância no desenvolvimento da sociedade, seja esta importância cultural, econômica, política ou social. A partir da pesquisa que será realizada, pretendemos evidenciar estas relações entre sociedade e astronomia no decorrer da história, especificamente nas regiões citadas anteriormente. Além disso, também buscaremos determinar como a astronomia e a astrologia têm sido importantes para o

desenvolvimento do conhecimento popular e como o movimento dos corpos celestes influencia o cotidiano do povo sertanejo.

Também esperamos definir quais conhecimentos do senso comum são respaldados de alguma maneira pela ciência, e quais tratam-se apenas de crendices ou mitos.

Referências

ALMEIDA, A. V. **Saberes e Práticas de Cura no “Lunário Perpétuo” de Gerónimo Cortés (1555-1615) e sua Influência no Nordeste Brasileiro**. Olinda: [S. l.], 2012.

ASIMOV, I. **Cronologia das ciências e das descobertas**. Trad. Ana Zelma Campos. 3ºd. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ERICKSON, F. **Qualitative methods in research on teaching**. In: M. C. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching*. New York: Macmillan, 1986, 3rd ed., pp. 119–161.

MELO, R. A. (2011). **Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas**. in Revista IEB, 52, set./mar. 2011, p.107-122.

MOURÃO, R. R. de F. **O livro de ouro do universo**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2000.

NOGUEIRA, A. J. (Coord.). **Medicina Popular**. Divisão do Folclore, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura, 2005.

TERESI, D. **Descobertas perdidas: as raízes antigas da ciência moderna, dos babilônios aos maias**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.